

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 9): Uma Crítica à Interpretação Funcional da Criação de John Walton – Parte 2

Seção 09 / Aula 09

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 03/05/2026, 12:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: March 20, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Aula e desenvolvimento

Hoje nós concluiremos nossa discussão da interpretação funcional de Gênesis capítulo 1. Segundo essa interpretação, vocês se lembrarão, os seis dias da criação não representam dias durante os quais Deus realmente trouxe essas coisas à existência, mas, antes, estes são seis dias literais consecutivos durante os quais Deus especificou funções para várias coisas existentes. Nessa visão, segundo John Walton (seu principal proponente), os dias 1 a 3 estabelecem várias funções, e então os dias 4 a 6 estabelecem agentes funcionais, isto é, coisas que realizarão as funções estabelecidas nos dias 1 a 3. Então há aqui um tipo de paralelismo tal como vimos na visão da estrutura literária, mas ele é interpretado de modo diferente.

Walton argumenta que os dias 1 a 3 servem para estabelecer a base para a medição do tempo (dia e noite), o clima (as águas de cima e as águas de baixo), e então o alimento (a vegetação). Tempo, medição, clima e alimento – essas funções são estabelecidas nos três primeiros dias. Ora, não acho que precisemos disputar o ponto de que essas coisas são criadas para esses propósitos, mas isso obviamente não implica que a criação da terra seca, do firmamento e da vegetação também não seja afirmada juntamente com a especificação de suas funções. Walton tem uma dificuldade particularmente grande com o firmamento. Ele pensa que os antigos israelitas acreditavam que literalmente existia uma cúpula sólida no céu que sustentava as águas que estavam acima da Terra.

Ele diz que, se tomarmos Gênesis 1 como um relato da criação material, então isso implica a existência de algo, “que estamos inclinados a descartar como não sendo parte do cosmos material como o entendemos.” Ele diz que podemos “escapar do problema” interpretando o texto de modo puramente funcional. Totalmente à parte da afirmação equivocada de Walton de que os antigos pensavam no céu (ou nos céus) como uma cúpula dura, acho que aqui Walton claramente permitiu que a ciência moderna se intrometesse em sua hermenêutica. A questão hermenêutica aqui não é se o firmamento é parte do cosmos material como nós, modernos, o entendemos, mas se ele era parte do cosmos material como os antigos israelitas o entendiam.

Tentar justificar uma interpretação funcional apelando ao conhecimento científico moderno de que o firmamento não existe é um exemplo de concordismo, isto é, deixar sua interpretação bíblica ser guiada pela ciência moderna, algo que o próprio Walton rejeita.

Perguntas sobre firmamento e funções

Algun comentário ou discussão sobre o papel dos três primeiros dias no estabelecimento de funções?

Aluno: Estamos realmente olhando para o que os primeiros hebreus acreditavam como a intenção da palavra escrita aqui? Ou estamos procurando a verdade?

Dr. Craig: Isso pode ser uma falsa dicotomia, mas estamos procurando o que eles realmente acreditavam. Deixe-me voltar atrás. Não me deixe dizer o que eles acreditavam; deixe-me dizer que o que estamos procurando é o que o texto afirma. Algumas pessoas estão dispostas a dizer que esses antigos israelitas podem ter acreditado, por exemplo, que o sol gira em torno da Terra, que a Terra é plana, e outros tipos de coisas. Isso é o que eles acreditavam, mas isso não é o que é ensinado pelo texto. Então aquilo em que estamos interessados é: o que esses textos antigos ensinavam? O que eles afirmavam?

Walton pensa que, se você interpreta este texto como envolvendo a criação de objetos materiais, então você está comprometido a dizer que existe este firmamento – que há esta cúpula sólida sobre a Terra, como uma tigela invertida na qual os corpos astrais estão embutidos, e, portanto, deveríamos interpretar isto de modo puramente funcional, não como criação material. O ponto que estou defendendo aqui é que essa é uma hermenêutica ilegítima – isso é concordismo. É deixar a ciência moderna guiar sua interpretação do texto, em vez daquilo que essas próprias pessoas afirmavam e pensavam.

Aluno: Há alguma relação entre isso e o que alguns cientistas propuseram como a cobertura de água acima da Terra? A teoria da cobertura de água – há alguma relação?

Dr. Craig: Não acho que eles identificariam a cobertura com o firmamento. De fato, alguns defensores da visão de que o sol e a lua já estavam lá antes do quarto dia diriam que a cobertura colapsou em algum momento e as águas caíram sobre a Terra. Mas eles não diriam que o firmamento desapareceu e que o sol, a lua e as estrelas não estavam mais incorporados nele. Acho que isso seria diferente.

Aluno: Na verdade, há alguns criacionistas da Terra Jovem que assumem essa posição.

Dr. Craig: Obrigado! OK. Você quer dizer que eles identificarão a cobertura como o firmamento?

Aluno: Eles identificarão as águas acima da cobertura como sendo uma cobertura de vapor em certo momento, mas a maioria das organizações criacionistas da Terra Jovem rejeitou a ideia agora porque percebem que, se houvesse uma cobertura ali, você não poderia ver o sol, a lua e as estrelas, o que era o propósito do sol, da lua e das estrelas – poderem ser vistos para marcar o tempo. Então eles rejeitaram a ideia.

Dr. Craig: Agora, então, corrija-me se eu estiver errado aqui, mas, nesse caso, não é verdade então que a cobertura é algo distinto do firmamento? Porque o sol, a lua e as estrelas estão no firmamento, então estariam além dessa cobertura que depois colapsou.

Aluno: Seriam as águas acima. Eles veem o firmamento como o espaço entre elas. “Firmamento” muitas vezes não é, na maioria das traduções, a palavra mais favorecida. “Expansão” geralmente é a palavra favorecida hoje em dia. Eles veem a expansão como o espaço entre elas e as águas acima como tendo – alguns deles veem – as águas acima como

tendo colapsado e sendo as águas do dilúvio. Mas, novamente, a maioria deles rejeitou a ideia agora.

Dr. Craig: Isso não seria identificar o firmamento como a cobertura. Elas ainda seriam duas realidades. Mas Walton o toma como um objeto material – uma superfície dura – o que seria diferente daquilo de que alguém anteriormente estava falando.

Funções e agentes funcionais

Walton então argumenta que, nos dias 4 a 6, os agentes funcionais são estabelecidos – as coisas que realizam essas funções. A visão de Walton difere da visão da estrutura literária de Blocher no fato de que os dias 4 a 6 não são a criação dos habitantes dos domínios ou dos reinos que foram criados nos dias 1 a 3. Mas, antes, os dias 4 a 6 envolvem a especificação de coisas que realizam as funções cuja base foi estabelecida nos dias 1 a 3. Então esta é uma interpretação interessante e diferente do paralelismo em relação à visão de Blocher. Acho que ela é, de algumas maneiras, mais plausível que a de Blocher, visto que vimos que as coisas criadas nos dias 4 a 6 não ocupam realmente os domínios dos dias 1 a 3. Mas parece que elas realizam funções relacionadas às coisas dos dias 1 a 3.

O sol e a lua, em particular, parecem ser estabelecidos como agentes funcionais para a medição do tempo. Mas observe que isso não faz nada para excluir a criação material desses objetos juntamente com a especificação de suas funções, que é o que Walton teria de provar.

O cosmos como templo e o descanso de Deus

Walton também argumenta que o relato de Gênesis representa Deus vindo residir no mundo como seu templo cósmico. Ele observa que, no mundo antigo, os deuses eram concebidos como residentes em templos. Então o descanso de Deus no sétimo dia indica que Deus vem residir no cosmos como seu templo. Os sete dias da semana da criação são um reflexo dos sete dias de dedicação que faziam parte da inauguração do Templo de Salomão em Jerusalém. O que devemos fazer dessa sugestão? Acho que o problema com essa sugestão é que simplesmente não há evidência no texto de Gênesis de que o autor pensa no mundo como templo de Deus ou no descanso de Deus como sua vinda para residir em seu templo. Em Gênesis 2:2-3 lemos: "E, havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito.

E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito." Não há nada ali que indique que, no sétimo dia, Deus veio residir no cosmos como um templo. A visão de Walton depende, penso eu, de fazer uma falsa equivalência entre o descanso de Deus e sua residência. Na interpretação funcional, Deus não precisa descansar, porque ele não esteve criando nada durante os seis dias anteriores, e, portanto, essa noção de que descansar deve equivaler a residir é resultado dessa interpretação funcional. Já que Deus não esteve trabalhando, ele não pode cessar de trabalhar no sétimo dia, então é simplesmente sua residência no templo que é lida no texto e depende dessa interpretação funcional. Na interpretação tradicional, o sétimo dia é um dia no qual Deus descansa.

Ele é o arquétipo para o dia de sábado, durante o qual cessamos o trabalho. Então, para justificar sua interpretação, Walton precisa ir para fora de Gênesis, já que isso não está no texto

de Gênesis, o que é, penso eu, por si só, um procedimento duvidoso. Autores diferentes, separados talvez por séculos, podem ter perspectivas diferentes. Walton apela, por exemplo, para Isaías 66:1 para apoiar sua visão. Isto diz: "Assim diz o SENHOR: 'O céu é o meu trono e a terra é o estrado dos meus pés.'" Não acho que isso apoie de modo algum a visão de Walton! O que isso diz é que é o céu que é onde o trono de Deus está (onde Deus está assentado), e a Terra é apenas seu estrado. Não apoia a visão de que Deus vem residir na Terra ou no cosmos como um templo. Yahweh tinha um templo, sem dúvida, e ele ficava em Jerusalém. Veja Salmos 132:1-8,13-14.

"Lembra-te, SENHOR, de Davi e de todas as suas provações; lembra-te de como ele jurou ao SENHOR e fez votos ao Poderoso de Jacó, dizendo: 'Não entrarei na tenda em que moro, nem me deitarei no leito em que repouso; não darei sono aos meus olhos, nem repouso às minhas pálpebras, enquanto eu não encontrar um lugar para o SENHOR, uma morada para o Poderoso de Jacó.' Ouvimos dizer que a arca estava em Efrata, e a encontramos no campo de Jaar. 'Entremos na sua morada; adoremos diante do estrado de seus pés!' ... Pois o SENHOR escolheu Sião; preferiu-a por sua morada, dizendo: 'Este é para sempre o lugar do meu repouso; aqui habitarei, pois este é o meu desejo.'" Aqui você tem o templo em Jerusalém descrito como o lugar onde Yahweh habita, não o cosmos como um todo.

De fato, na dedicação do templo, conforme é descrita em 1Reis capítulo 8, Salomão reconhece que, em certo sentido, o próprio templo não era um lugar onde Deus realmente habitava – que o templo seria um lugar onde Deus se manifesta, mas não é uma morada literal do Senhor. 1 Reis 8:27,30: "Mas será que, de fato, Deus poderia habitar na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter; muito menos este templo que eu edifiquei! [...] E ouve, pois, a súplica do teu servo e do teu povo de Israel, quando orarem neste lugar; ouve no céu, lugar da tua habitação; ouve e perdoa." Aqui, novamente, Salomão, ao dedicar o templo, reconhece que, na verdade, o céu é a morada do Senhor, e ele diz: Quando nos voltarmos para este templo e orarmos, por favor, no céu ouve nossa oração e responde.

Então não estou convencido de que seja legítimo ler isto no texto de Gênesis 1, que ele representa Deus vindo residir em seu templo. Quanto ao motivo dos sete dias, acho que isso está mais plausivelmente ligado à prática da observância do sábado do que à dedicação do templo. É por causa da prática da observância do sábado – descansar no sétimo dia – que você tem o relato da criação em termos de uma semana de sete dias. Pode muito bem ser que os sete dias de dedicação do templo reflitam a observância do dia de sábado, e não o contrário. Então, em suma, considero a interpretação puramente funcional de Walton sobre Gênesis 1 implausível, para não dizer extravagante. O relato, penso eu, é naturalmente tomado como envolvendo tanto criação material quanto funcional.

Perguntas sobre templo, imagem e sabedoria

Algum comentário sobre esse ponto? Sim, Bobby.

Aluno: Um dos outros pontos que Walton levanta é que, no último dia, para completar a analogia de um templo – sendo ele um templo – é que os antigos teriam instalado uma imagem do deus – de Deus – no templo. O paralelo que ele usa para isso é o homem – criar o homem à imagem de Deus.

Dr. Craig: Porém não há uma imagem de Deus no templo. Certo? No que você está pensando aí? Não há imagem de Deus. Essas são proibidas. Com respeito ao homem ser a imagem de Deus, isso leva a outro ponto que eu tinha pensado em levantar, mas omiti, e que é: por que pensar que, se Deus está criando aqui uma morada, ela é o mundo inteiro – que é o cosmos – em vez do Jardim do Éden? Muitos comentaristas disseram que, na criação do Jardim do Éden, há muitas semelhanças entre o Jardim e o tabernáculo, onde a presença de Deus habita no Santo dos Santos. Como você diz, o homem é criado como a imagem de Deus que vive no Jardim do Éden. Então, se você de fato quer ter essa ideia de o descanso de Deus ser sua residência, por que não identificá-la com o Jardim do Éden, em vez de com o cosmos como um todo?

Também não estou convencido de que isso esteja correto para o Jardim do Éden. Parece-me que o Jardim do Éden é criado como habitat para o homem, mas não como lugar para Deus. Ele não é chamado, curiosamente, de Jardim de Deus em Gênesis, mas é um jardim criado como lugar adequado para seres humanos estarem. Então sou muito cético quanto a ler isto no texto, que temos aqui a criação de algum tipo de templo ou morada para Deus, seja o Jardim do Éden ou o cosmos.

Aluno: Eu queria explorar outra possibilidade sobre essa perspectiva funcional. Poderia ser que, visto que Deus é espírito, ele está nos mostrando uma progressão de um processo espiritual-para-físico? No princípio, no primeiro dia, ele realmente separou a vida das trevas, e essa é sua intenção de trazer nosso estado espiritual sombrio para a luz. E no segundo dia, ele separou os céus e a Terra, o que separou a posição de Criador e criatura para que entendamos onde estamos em referência a ele no céu. No terceiro dia, ele separou a terra do mar, e ele ordenou a Adão e Eva que cultivassem a terra. Há uma área de cultivo que é separada da não cultivação (isso é apenas meu palpite). E no quarto dia, ele estabeleceu o ritmo em que observaremos o ritmo das estações, dos dias e dos meses.

Então ele prossegue com as criaturas do mar e as criaturas que voam – isso começou a nos mostrar seu desígnio no sistema biológico. Há sistemas comuns com a criatura do mar e a criatura voadora. Então, no sexto dia, os animais. Todo esse design intrincado em sistemas biológicos que ele meio que... e os chineses aprendem todo tipo de coisas, artes marciais também a partir dos animais, ou suas habilidades de sobrevivência ou algo assim. Não sei se ele simplesmente fez isso para nosso aprendizado. Você acha que isso é uma funcional...? E então ele descansou no sétimo dia – ele descansou em seu design e descansou nessa progressão. O que o senhor pensa sobre essa possibilidade?

Dr. Craig: Acho que precisamos ter muito cuidado ao espiritualizar esse relato. Não acho que isto seja, de modo algum, uma espécie de relato espiritualizado. Parece-me ser uma descrição muito física do modo como o mundo material vem a existir. Particularmente, bem no início, as trevas não parecem representar em Gênesis 1 uma força do mal. Não há nada sinistro sobre as trevas nesse contexto. É apenas a noite, e Deus cria um mundo em que há dia e noite. Não parece haver nada nas trevas que conotaria mal ou algo em oposição a Deus. Com respeito à separação dos céus e da Terra, embora a palavra “céu” possa ser usada como a morada de Deus, em Gênesis 1 ela parece estar descrevendo a parte da criação onde o sol, a lua, as estrelas e assim por diante estão acima de nós. Não é céu em um sentido espiritual.

Então parece-me que o relato, do início ao fim, é um relato muito físico da criação. Ele certamente manifesta o design cósmico de Deus – isso certamente é verdade – e culmina no homem como a coroa da criação. Mas o descanso – o descanso de Deus – diz muito explicitamente que ele está descansando da obra que havia feito durante aqueles seis dias. Então entendo que, no relato tradicional, ele esteve criando várias coisas e, no sétimo dia, ele terminou.

Aluno: A partir de Provérbios 8, que lemos na semana passada, aparentemente Deus tem um projeto desse design em sua mente antes de qualquer coisa acontecer. Para trazer esse projeto à realidade, há este processo. Não precisa ser este, mas precisa haver algum tipo de processo para trazer do invisível para o visível. Então pensei que esta é uma ótima maneira pela qual ele meio que expandiu sua Sabedoria em seu design.

Dr. Craig: Acho que você está bem correta ao pensar no papel da Sabedoria na criação como uma espécie de projeto sobre o qual a criação é construída. Não é como se ele meio que inventasse à medida que avançava. Isso pode não estar em Gênesis, mas, como você diz, em Provérbios você certamente tem essa noção da criação do mundo de acordo com a Sabedoria de Deus. Então acho que essa é uma parte importante, se quisermos uma doutrina da criação plenamente desenvolvida.

Quatro objeções à criação material e funcional

Deixe-me concluir olhando para a questão de se a criação em Gênesis 1 não pode ser tanto material quanto funcional. É isso que a maioria das pessoas acredita – que não é ou/ou; é tanto/quanto. Mas Walton resiste a isso. Ele apresenta quatro objeções contra a visão de que Gênesis 1 ensina tanto criação material quanto funcional. Mas acho que, com base no que já dissemos, essas objeções podem ser descartadas com bastante facilidade. Aqui estão elas. A número um é que os dias 1, 3 e 7 não têm nenhuma declaração de criação de qualquer componente material. Resposta: Isso não é surpreendente para o dia 7 – esse é o dia do descanso de Deus! Então, é claro, ele não está criando nada então. Mas, no dia 1, a luz é criada. Então isso seria um componente material.

E no dia 3, vegetação e árvores frutíferas são criadas, e esses são componentes materiais da criação. Lembrem-se, elas não precisam ser criadas ex nihilo para serem criadas. A segunda objeção: O dia 2 tem um componente potencialmente material (a saber, o firmamento), mas, “se este fosse um relato material legítimo, então seríamos obrigados a encontrar algo sólido lá em cima.” Resposta: Isto é concordismo! Se os antigos israelitas pensavam que o firmamento era uma cúpula sólida (o que não acho que pensavam, mas, se pensavam), então não teriam problema algum em relatar tal relato de criação material, e seria ilegítimo usar a ciência moderna para guiar sua interpretação do capítulo. Objeção número três: Os dias 4 e 6 tratam explicitamente de componentes materiais apenas em um nível funcional.

Resposta: Isso pode ser o caso para o sol, a lua e as estrelas, admitidamente, mas é claramente falso para os animais quando Deus diz: Que a terra produza seres vivos. E provavelmente é falso para o homem também, quando Deus diz: Façamos o ser humano à nossa imagem, já que o homem não estava entre os animais. Ele não existia naquele tempo, e por isso precisava ser criado por Deus. Então acho que os dias 4 e 6 realmente tratam da criação de objetos materiais, e não apenas de funções. Finalmente, a objeção número quatro é que, no dia 5, funções são

mencionadas e a palavra hebraica para criar (bara) é usada. Resposta: Bara é causação eficiente – a produção do efeito. E a origem material das aves e das criaturas marinhas no dia 5 está claramente em vista.

Novamente, a criação de objetos materiais como aves e criaturas marinhas não exige que Deus os tenha criado ex nihilo. Alguma pergunta ou comentário sobre as quatro objeções de Walton à visão do tanto quanto?

Aluno: O senhor poderia revisar a terceira objeção, por favor? O que foi criado?

Dr. Craig: O que ele diz é que, nos dias 4 e 6, o relato está tratando de objetos materiais apenas em termos de funções. Ele não está falando de Deus trazê-los à existência; está apenas falando de suas funções. E estou disposto a conceder o ponto para o sol, a lua e as estrelas – que pode muito bem ser que, no dia 4, Deus simplesmente especifique as funções que esses corpos astrais já existentes devem cumprir. Mas não acho que você possa dizer isso sobre os animais e o homem criados no dia 6. Os animais são claramente trazidos à existência no dia 6, quando ele diz: Que a terra produza, etc. E, visto que o homem não está entre os animais, a criação do homem deve ter envolvido também trazer à existência algo novo.

Então, embora eu esteja disposto a conceder que o dia 4 trata apenas das funções dos corpos astrais, parece-me que, no dia 6, você simplesmente tem, indiscutivelmente, a criação material dos animais e do homem. Há muito mais que gostaríamos de dizer sobre a visão de Walton, mas acho que isto é suficiente para mostrar que a interpretação funcional simplesmente não é uma opção plausível. Da próxima vez, passaremos para a interpretação final, que é, como a estou chamando, a interpretação do mito hebraico. Então vamos encerrar com uma palavra de oração.

Oração final

Obrigado, Pai, por nos dar a oportunidade, a saúde e a prosperidade para podermos nos reunir desta maneira e pensar sobre estas coisas. E agora, ao entrarmos no mundo do trabalho do dia a dia, nós nos entregamos a ti para andar em tua vontade, seguir teus caminhos e honrar-te. Em nome de Jesus, Amém.

Referências

WALTON, John H. *The Lost World of Genesis One*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009, p. 57, 60. Páginas indicadas nas notas 1 e 2 do original.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-9/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-9/>